

Globo/Divulgação



O vilão Theo, de *Vai na fé* (2023), rendeu prêmios

Divulgação/Globo



Como o traficante Rubinho, de *A força do querer* (2017)

Victor Pollak/Globo



Um esquerdomacho na série *Todas as Mulheres do Mundo* (2020)

Divulgação/Globo



Como o Pé de Alface, no *The Masked Singer Brasil* (2024)

MALVADO FAVORITO

Aclamado pelo público e premiado pela crítica com os machos tóxicos que interpreta na tevê, Emílio Dantas defende o feminismo e credita ao coletivo o êxito das obras em que atuou

POR PATRICK SELVATTI

Exibida entre janeiro e agosto de 2023, a novela *Vai na fé*, de Rosane Svartman, foi um estrondoso sucesso, e boa parte desse êxito veio de Théó Camargo Bastos, um vilão que conduziu a narrativa com potência e carisma. O personagem foi muito bem interpretado por Emílio Dantas, que, não à toa, foi eleito o melhor ator do ano em diversas votações. Em uma entrevista exclusiva — e rara — à *Revista*, o carioca de 41 anos, premiado, credita, modestamente, todo o sucesso ao projeto. “Um êxito muito mais da obra do que do personagem. Considerei uma vitória da novela, do projeto que, sem sombra de dúvida, foi muito coletivo, acho que talvez o mais coletivo que eu tenha participado”, argumentou.

Algoz dos protagonistas Sol (Sheron Menezes) e Benjamim (Samuel de Assis), abusador de mulheres e péssimo pai, Theo era um exemplo nítido de macho tóxico, mas, ainda assim, foi adorado pelo público do sofá, assim como pela crítica especializada. Para Emílio, o júbilo do personagem talvez seja justamente por ser um dos poucos que trazia o contraponto à representatividade negra que marcou a produção. “Ele era o símbolo

do homem branco rico, com privilégios, mimos, crimes, falta de caráter. Por ser um personagem único dentro desse universo tão bem estruturado, e por ser um vilão, que é normalmente o personagem que movimenta a trama, eu acredito que tenha rolado um destaque maior por conta disso”, avaliou o ator.

O lugar de “malvado favorito” é um ímã para Emílio Dantas. Algo parecido ocorreu com o traficante Rubinho, de *A força do querer*, o personagem que, em 2017, lançou o artista aos braços calorosos do público logo no segundo trabalho na Globo. “Eu acho que esses caras agradarem tanto, é o clássico do clássico, né? Essa vontade, muitas vezes, de querer consertar algo que está quebrado, de achar que tem essa possibilidade. Acho que aí vai para a psicanálise, eu acho que essa análise é muito mais profunda. O que a gente faz é trazer as possibilidades dessa maldade. O Rubinho tinha a questão do machismo na ganância, na vontade de ter tudo, de ter a mulher mais gata (a Bibi Perigosa, de Juliana Paes); era um universo um pouco mais de ostentação, de querer mostrar que também pode. Já o Théó, acho que era um agente do caos realmente; ele era um cara que ultrapassou essa barreira da ostentação, e a questão dele estava no psicológico. A maldade lhe fazia bem”, descreveu.

Esquerdomacho

Intérprete de dois homens perversos, especialmente na relação com o sexo oposto, Emílio admite publicamente que teve a oportunidade de se desvencilhar do machismo estrutural, recente-

mente, após protagonizar a série *Todas as mulheres do mundo*, um clássico de Domingos Oliveira revisitado em 2020 pelo Globoplay. Ele conta que, quando começou o movimento Mexeu com uma, mexeu com todas, foi um dos caras que leu aquilo e achou um absurdo. “Eu queria me incluir nessa batalha: ‘não tem que ser para mexer com todos?’ Na minha cabeça machistinha, era uma coisa de a gente precisar somar vozes, e a quantidade era o que me parecia importante na época. Tinha muito mais a ver com um ego masculino de me mostrar empático com a situação, do que a empatia em si, de entender que esse movimento precisa de voz, e era importante que fosse completamente feminino”, confessou.

Logo depois, veio a série — com equipe 80% feminina e histórias de mulheres que orbitavam em torno de um esquerdomacho —, que mostrou a Emílio a importância da causa feminista. “Esse lugar de ser um protagonista secundário também traz muita riqueza. Dando espaço para que as mulheres trouxessem seus personagens, percebi que isso é muito mais rico do que a gente tentar se colocar à frente, de colocar nossa opinião, que, muitas vezes, só parece importante para a gente mesmo. Foi muito positivo para mim me colocar abaixo desse lugar de protagonismo, enxergar essas maravilhas e essas conquistas acontecendo. São milhões de valores que entraram: alguns eu ainda trabalho e outros já estão acertados”, resumiu. E acrescentou, sem receios: “Acredito que o start de mudança é pessoal, só a gente sabe qual é o lugar que vai doer na gente para que a gente entenda a dor do outro. Infelizmente, o ser humano trabalha por esse viés egoísta”.